

A PROFESSORA ESTÁ ON-LINE: CONSTRUÇÕES CURRICULARES NO PERÍODO PANDÊMICO

Gabriela Souza Oliveira – UFAC
oliveiragsouzaa@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem com eixo central compartilhar as narrativas de uma docente da educação básica, no contexto da pandemia da COVID-19, tendo como elemento chave as construções curriculares geradas no seu cotidiano escolar.

A partir da suspensão das aulas, os/as docentes da rede estadual do Acre iniciaram um caminho novo: adaptar seu fazer presencial à forma remota em toda a rede. Estar enquanto professora nesse processo, participar das vivências e narrativas desse período, juntamente com uma construção teórica sobre as questões apresentadas a partir de autores e autoras que produzem sobre a temática discutida, permitiram a construção deste trabalho.

As aulas estão suspensas: o sair do chão da escola

Em março de 2020, tivemos a suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia da COVID-19. Uma das imagens que se reconstróem na minha mente, exatamente no último dia das aulas presenciais de 2020, são as crianças em fila no refeitório e a equipe de apoio da escola distribuindo os alimentos que seriam para a merenda dos próximos dias. Não tínhamos previsão de retorno.

A atmosfera, os sentimentos, as fisionomias das pessoas que estavam presentes nesse momento eram de incertezas e de estar acompanhando um fenômeno que, mais tarde, teríamos uma dimensão maior do que significava e como este iria alterar o cotidiano escolar. A compreensão de cotidiano escolar neste texto se ancora nas percepções de Ferraço, Soares e Alves (2018)

Cotidianos escolares, nessa perspectiva, remetem às dimensões desses contextos cotidianos que abarcam a vida nas escolas, suas dinâmicas criadoras de conhecimentos e modos de existência e o enredamento destes com conhecimentos e modos de conhecer criados em outros contextos (mídias, ciências, artes, igrejas, movimentos sociais, estruturas de governo, vizinhança etc.). (FERRAÇO, SOARES E ALVES, 2018, p. 90)

A partir dessa compreensão de cotidianos, como tudo e todos que circundam as instituições escolares, que se pretende neste texto, tendo como basilar as vivências aqui narradas, apresentar algumas das múltiplas inferências e criações curriculares que se (re) construíram e se (re) inventaram nesse período pandêmico.

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia: construções curriculares no retorno às aulas de modo remoto

Em abril, na rede estadual do Acre, ocorreu o retorno às atividades escolares por meios remotos. A sala de aula foi substituída, na maioria dos casos, por um grupo no WhatsApp. A partir dos registros dos alunos e alunas de cada turma, obtivemos os contatos de seus responsáveis. O grupo estava montado, alguns não estavam completos por conta de os contatos não estarem atualizados nos cadastros. Como proceder nas aulas por esse meio remoto? Como o currículo se daria dentro desse novo arranjo do cotidiano escolar no período pandêmico?

Entendendo o currículo como para além do que se encontram nas prescrições, Gonçalves (2018), assevera que “o currículo não é produto que é construído a partir de modelos preestabelecidos, mas é processo através do qual os praticantes do cotidiano escolar ressignificam suas experiências nas redes de poderes, *saberesfazeres* das quais participam”. (GONÇALVES, 2018, p. 39). E é dentro desses movimentos que não são, e nem precisam ser, lineares de currículo que proponho a minha narrativa.

Além da adequação das rotinas e atividades para os meios remotos, tínhamos que ter como orientação o Plano de Curso Unificado, documento onde

constam os conteúdos a serem trabalhados a cada bimestre, propostas de atividades e formas de avaliações possíveis. Diversos desses conteúdos precisariam de adaptações a partir das ferramentas disponíveis de cada docente, uma vez que estas não foram disponibilizadas pela SEE.

Criamos nossas próprias *maneiras de fazer*. Segundo Certeau (1994), essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais os usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.” (CERTEAU, 1994, p. 41). Tínhamos que ministrar as aulas, elaborar planos de aulas, rotinas e atividades a partir do Plano de Curso Unificado, contudo, as formas como esse processo iria ocorrer e se organizar dependiam da singularidade de cada docente.

Durante essa criação curricular cotidiana, diversas foram as estratégias para que os alunos tivessem à disposição materiais que os levassem à construção do conhecimento. Corroboramos com Oliveira (2012a) na percepção do que seria esse currículo como criação cotidiana:

Assim, falar em currículo como criação cotidiana pressupõe, entre outras coisas, que as diferentes formas de tecer conhecimentos – que estão na base de diferentes modos de agir, mesmo que jamais de modo linear – dialogam permanentemente umas com as outras, dando origem a resultados tão diversos quanto provisórios. Assim, nos diferentes e múltiplos momentos de suas vidas pessoais e profissionais, em virtude do adicionamento de umas ou outras subjetividades, em relação com outras diferentes e plurais redes de conhecimento e sujeitos que habitam, fisicamente ou não, os cotidianos das escolas, os *praticantespensantes* das escolas criam currículos únicos, inéditos, “irrepetíveis”, alternativas aos problemas e dificuldades que enfrentam, ao que não lhes agrada ou contempla, ao existente e ao já sabido, contrariamente ao que supõem as perspectivas hegemônicas de compreensão dos currículos escolares, que os compreendem como um eterno reproduzir daquilo que foi previsto e prescrito. (OLIVEIRA, 2012a, p. 90-91)

As formas de explicar atividades, tirar dúvidas, foram modificadas; a fala próxima à mesa dos alunos e alunas foi substituída por áudios no WhastApp; a leitura de livros literários físicos foi substituída por arquivos a serem enviados para download; o acolhimento diário na sala, com todos entrando e se sentando em seus lugares, seguido do “*boa tarde*” e uma conversa sobre algo que tenha

acontecido na rua, na casa, no supermercado etc. deu lugar a uma mensagem de voz ou de texto e uma “figurinha” ou gifs.

Por fim...sem concluir

Não compartilho da ideia de que a pandemia da COVID-19, tenha sido – e continue sendo – um momento em que todas as pessoas se tornaram melhores, que todos demos as mãos e embarcamos juntos na melhoria do mundo. Contudo, acredito na força criadora e transformadora do trabalho docente, para além de tudo o que nos foi imposto durante esse período: falta de recursos, trabalho sem ter hora para iniciar e terminar, dificuldades com as tecnologias, certo nível de negligência das secretárias com os docentes, falta de apoio psicológico e altos níveis de cobranças.

Corroboro com Oliveira (2012b), quando discute a relação do pensamento de Boaventura Souza Santos com a educação:

Assim, podemos compreender a autoria no campo curricular, como produção autônoma, original e criativa e autêntica de sujeitos que possuem a necessária autoridade para fazê-lo, superando a cisão entre aqueles que pensam e aqueles que fazem o currículo, essa “obra de arte” cotidianamente construída e renovada. Por outro lado, se ampliamos o sentido do termo estética, desaprisionando-o do campo da arte, recorrendo à sua etimologia, temos que *aisthesis* é a palavra grega que designa percepção, sensação, e podemos compreender a criação curricular cotidiana como produto das interlocuções entre sensações e percepções de mundo, incluindo-se as emoções, dos seus praticantes. (OLIVEIRA, 2012b, p.8)

Sentimos e percebemos – inegavelmente – esse período pandêmico de diversas formas, contudo, isso não nos tirou a possibilidade de continuarmos exercendo a docência, tendo em vista nossa singularidade como indivíduo e nossas construções e maneiras de fazer.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de: ALVES, E. F. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.

FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de

Janeiro: EdUERJ, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575115176>
Acesso em 28 maio 2020.

GONÇALVES, R. M. Conversas sobre práticas e currículos entre professoras: artesanias e maneiras de fazer o cotidiano escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, p. 23-45, Ano 23, Edição Especial, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/7876>. Acesso em 28 mai. 2020.

OLIVEIRA, I. B. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012a.

_____. Contribuições de Boaventura de Souza Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.8, n. 2, ago. 2012b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10984> . Acesso em 19 de abr. 2021.